

Cracolândia no Google¹

Sandra Cristina PEDRI²

Bárbara HELLER³

Universidade Paulista (Unip), São Paulo, SP

RESUMO

Análise exploratória do tratamento que as mídias digitais (disponíveis na ferramenta de busca Google) estão dando ao tema “Cracolândia”. Separamos as 10 primeiras notícias que surgiram e incluímos mais duas notícias de mídias não tradicionais em nossa análise. Para contextualizar, apresentamos um resumo da origem da Cracolândia na cidade de São Paulo e analisamos os títulos das mídias para saber que vozes estão sendo transmitidas aos leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Cracolândia; mídia digital; Google; mídias tradicionais, blogs, dependentes químicos.

ORIGEM DA CRACOLÂNDIA

Este artigo aborda como são divulgados e representados os frequentadores da Cracolândia nas mídias digitais acessadas via ferramenta de busca do Google. Considerando a gravidade social da Cracolândia (crack + lândia = terra do crack) e as mudanças de hábitos de paulistanos que evitam trabalhar, residir e até mesmo circular no seu entorno, por se sentirem ameaçados pelos seus frequentadores, este trabalho traz uma pesquisa sobre o tratamento que as mídias digitais, formadoras de opinião, têm conferido ao tema, no campo da Comunicação Social. Analisar um fenômeno que se manifesta em tempo real é mais desafiador que olhar eventos do passado, já consolidados.

Para isso fez-se um recorte do que foi veiculado sobre a região da Cracolândia no Google, em 21 de abril de 2024, às 14 horas. Trata-se de uma data aleatória que permite compreender a tensão entre mostrar e apagar esse fenômeno social, sob o ponto de vista comunicacional. Assim, é feita uma análise exploratória qualitativa, com suporte na análise do discurso de Bakhtin, com ênfase nos conceitos “vozes” e “dialogismos”, bem como em José Luiz Fiorin, intérprete de Mikhail Bakhtin. Para complementar, foi incluída uma análise

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação pela Universidade Paulista – Unip-SP, São Paulo, SP, Brasil. Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática. Telefone: 11 99515-1515. ORCID: 0000-0001-7595-5176. E-mail : sandra.pedri@gmail.com.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – Unip-SP, São Paulo, SP, Brasil. Área de Concentração: Comunicação e Cultura Midiática. Telefone: 11 98115-2444. ORCID: 0000-0002-8997-0155. E-mail: barbara.heller@docente.unip.br.

sobre o esquecimento, invisibilidade, vulnerabilidade, indigenciamento e silenciamento dos frequentadores e moradores da Cracolândia (pessoas em situação de vulnerabilidade) por meio dos estudos de autores como Judith Butler, Michel Foucault e Luis Mauro Sá Martino.

Para entender a Cracolândia em São Paulo é preciso voltar aos anos 1920 e 1930, quando a região da Luz (arredores da Rua Triunfo, centro da capital paulista), era habitada por pessoas de alto poder aquisitivo por causa do comércio do café. Isso porque, o embarque e desembarque do café eram feitos na Estação Ferroviária da Luz.

O contexto histórico que demarca as décadas de 1920 a 1940 é caracterizado pelas amplas transformações no que diz respeito aos processos de urbanização e modernização da cidade graças ao crescimento econômico proveniente da cafeicultura, o que colaborou para tornar São Paulo uma megalópole moderna (SEVCENKO, 1992).

No final da década de 1930, o cenário urbano na região central de São Paulo começou a mudar. Empresas cinematográficas como a Paramount, a Fox e a MGM, instalaram-se ali atraídas pela Estação Ferroviária que facilitava o embarque e desembarque de equipamentos especializados. Em pouco tempo fábricas de serviços de manutenção técnicas e outras empresas do ramo cinematográfico instalaram-se na região, o que aumentou muito o movimento de pessoas no local.

Entre 1937-1945, período do governo de Getúlio Vargas e da administração de Adhemar de Barros na prefeitura de São Paulo, o bairro do Bom Retiro passou a ser destino da prostituição, que se espalhava na região central. Nessa época, teorias eugenistas⁴ surgiram como solução para acabar com a miséria e as doenças que assolavam os trabalhadores por meio do afastamento dos indivíduos considerados ‘degenerados’. A. C. Pacheco e Silva, médico psiquiatra, considerava as ‘doenças mentais’ e outros tantos péssimos hábitos como impeditivos para o progresso do país. Para ele, além de isolar os ‘doentes mentais’, era necessário, também, combater os chamados ‘venenos sociais’, isto é, o álcool, o fumo e as drogas (TARELOW, 2014, p. 41).

Entre 1951 e 1955, o governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, expulsou as prostitutas da região do Bom Retiro por meio de um decreto, fazendo com que migrassem para o entorno da Estação da Luz, que passou a concentrar prostituição barata. Nesta época, a região era conhecida como “Boca do Lixo” devido a grande quantidade de lixo que havia nas ruas e, com chegada das prostitutas, as elites que ali moravam começaram a abandonar a região.

⁴ Eugenia – Termo que dizia respeito a um controle social por meio da melhoria genética. Pessoas com doenças mentais, vícios em álcool e drogas e com comportamentos considerados de péssimos hábitos não eram dignas de procriar.

Em 1982 houve, no governo de Paulo Maluf, a inauguração da rodoviária do Tietê na Avenida Cruzeiro do Sul, 1800 (bairro Santana – São Paulo-SP). Com isso, o Terminal Rodoviário da Luz foi desativado, causando um efeito dominó na região. Os hotéis e o comércio local sofreram esvaziamento repentino e a área passou a ser ocupada por pessoas em situação de rua. “As pessoas começaram a dormir na marquise da rodoviária. Mas no começo, eram poucos e não incomodava. Anos depois, já fechavam a rua” (SOUZA, 2023, [s.p.]).

Ra Souza (2023, [s.p.]) afirma que a partir do momento que as pessoas passam a ocupar as ruas elas “[...] adquirem visibilidade enquanto perigo social e se tornam completamente invisíveis quando o assunto é humanitário, passando a depender das insuficientes políticas públicas [...]”. A partir daí, a situação da região da Luz começou a se transformar em um problema para a população da cidade, desvalorizando imóveis, comércio e tudo o mais.

A possibilidade de se hospedar na região por um preço baixo, bem como ser um ponto de prostituição com grande oferta de drogas, atraiu traficantes e usuários de drogas de diversas partes da cidade e, até mesmo, de outros Estados. “Pessoas que viviam nas praças Roosevelt e da Sé, também localizadas no centro, migraram para a região onde hoje fica a Cracolândia” (SOUZA, 2023).

A primeira apreensão de crack em São Paulo foi noticiada no dia 22 de junho de 1990, quando um Policial Militar prendeu um rapaz com 220 gramas da droga na Zona Leste de São Paulo. Na época, havia grande disputa de traficantes nesta parte da cidade, o que forçou os usuários de crack a se deslocarem para a região da Luz entre as alamedas Cleveland, Dino Bueno, Nothman e Rua Helvétia. O Brasil passava por uma crise econômica e o crack tinha se tornado uma droga de grande efeito e baixo custo. Sendo assim, em pouco tempo se espalhou. O termo ‘Cracolândia’ surgiu pela primeira vez em uma reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1995. Desde então, diversas tentativas de solucionar o problema foram realizadas sem sucesso e, por ordens do poder público, a polícia agiu com repressão muitas vezes, trazendo conflitos na região (BRUM, 2022, [s.p.]).

Em 2005, durante a gestão municipal de José Serra, houve o fechamento de bares e hotéis associados ao tráfico na região. Ele tentou retirar as pessoas da situação de rua do local, declarando os imóveis como de “utilidade pública” visando a desapropriação, medida que não deu resultado (LABIGALINI, 2022, [s.p.]).

Em 2007, na gestão de Gilberto Kassab, houve a implantação do *Projeto Nova Luz* que visava revitalizar a área da Cracolândia entre as avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, Rio Branco, Cásper Líbero e Rua Mauá. Apesar do nome do projeto ser *Nova Luz*, estava voltado para o bairro Campos Elíseos. Seriam desapropriados, pelo menos, 89 imóveis degradados que dariam espaço para a construção de edifícios comerciais. A ideia era que a prefeitura renunciasse a 50% da cobrança de IPTU da região e a 50% do ISS para incentivar o projeto. Com isso, e apesar de beneficiar os menos vulneráveis (ou seja, os que se beneficiariam com a diminuição dos impostos e os que poderiam vir a construir na região e lucrar com as vendas dos imóveis), houve aumento na degradação urbano-social nos arredores da Rua Helvétia (LABIGALINI, 2022, [s.p.]).

Outro programa implantado, *Recomeço*, contou com a participação de Ronaldo Laranjeiras, médico psiquiatra da Unifesp, com Ph.D na Inglaterra. Ele implantou o CRATOD (Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas) em 2022, que, desde então, oferece atendimento 24 horas por dia por meio de uma equipe multidisciplinar na Rua Prates, 165 – Bom Retiro, São Paulo-SP (próximo à região da Luz). O CRATOD “chegou a atender mais de 3.000 pessoas por dia em todo o estado paulista, e, apesar de também oferecer assistência social e atendimento ao paciente, recebeu tantas opiniões contrárias quanto pacientes” (LABIGALINI, 2022, [s.p.]).

Mais tarde, sob o governo municipal de Fernando Haddad, em 2014, surgiu o *Braços Abertos*, coordenado pelo psiquiatra Dartiu Xavier, também da Unifesp. Este programa acolhia os usuários de crack em hotéis e a Prefeitura tentava promover alimentação, assistência médica e trabalho, como a varrição de ruas. Os que aderiam a este trabalho recebiam R\$ 15,00 por dia.

Em 2016, João Doria, no governo municipal, pediu à justiça a internação compulsória de mais de 400 usuários de crack da região. O Ministério Público entendeu a ação da prefeitura como improcedente, e a justiça negou o pedido. Então, ele lançou o programa *Redenção*, concorrente ao *Recomeço*. O programa *Redenção* caracterizou-se pela intervenção policial nas ruas do centro da cidade no dia 21 de maio daquele ano, quando acontecia a Virada Cultural. Com a pulverização dos usuários de crack naquela ocasião, não demorou uma semana para estas pessoas se concentrarem na Rua Helvétia (LABIGALINI, 2022 [s.p.]).

Atualmente, a Polícia Civil de São Paulo acredita que a mudança de local da Cracolândia, da Praça Júlio Prestes para a Praça Princesa Isabel, foi ordenada pelos traficantes que hoje comandam o fluxo do crack. O novo local passou a ser chamado de “A Nova Cracolândia” (BRUM, 2022 [s.p.]).

Esse movimento já tinha ocorrido em 2017, após uma grande operação na região. Agora, em março de 2022, passou novamente a ser notado pelos agentes de segurança. No início, cerca de 200 pessoas migraram. Já no final do mês, esse número saltou para 530, de acordo com os dados da prefeitura de São Paulo (BRUM, 2022).

A Cracolândia é um dos problemas urbanos de saúde e segurança mais difíceis de solucionar no Brasil. Já mudou várias vezes de lugar no centro de São Paulo e é um ambiente caótico, com centenas de pessoas aglomeradas, 24 horas por dia. “Algumas pessoas empurram carrinhos de supermercado cheios de roupa e objetos pessoais, enquanto outras caminham sem direção e com olhar perdido. Elas são atraídas pela mesma coisa: o crack” (SOUZA, 2023, [s.p.]).

A quantidade de pessoas que circulam na região da Cracolândia varia bastante em um único dia e sua presença é responsável pela desvalorização imobiliária, queda nas vendas do comércio da região e insegurança por conta do medo de assaltos e roubos.

Comerciantes, principalmente da rua Santa Ifigênia, conhecida pelo comércio de eletrônicos, frequentemente usam paus e pedras para expulsar os usuários da região.

Os lojistas acusam os usuários de cometerem furtos e roubos contra comércios e pedestres, o que leva insegurança para a área e atrapalha as vendas. Vídeos publicados no YouTube mostram multidões se enfrentando nas ruas da Santa Ifigênia (SOUZA, 2023, [S.P.]).

A Cracolândia acolhe os fluxos marginais provindos de diferentes partes da cidade e do Estado de São Paulo e precisa ser pensada enquanto “conector urbano” de populações marginalizadas.

[...] um refúgio urbano para ex-presidiários, pessoas em situação de rua, trabalhadores, migrantes, prostitutas, usuários de drogas e portadores de problemas psiquiátricos, por exemplo, que não têm para onde ir. [...] Por isso, a Cracolândia não pode ser isolada de dinâmicas urbanas mais amplas e das estruturas de desigualdade. Nem pode ser resumida à questão do consumo e venda de crack (FROMM, 2023, [s.p.]).

Os frequentadores e habitantes da Cracolândia são originários de: a) políticas de despejo realizadas em outras partes da cidade; b) expulsão de usuários de droga de seus bairros de origem (seja por moradores ou pelo PCC⁵); c) envio de pessoas de situação de

⁵ PCC – Sigla para *Primeiro Comando da Capital* que é uma das maiores organizações criminosas do Brasil. Foi fundado dentro das penitenciárias do estado de São Paulo em 1993 e hoje atua em todo o território brasileiro como principal exportador de cocaína da América do Sul.

rua por outras prefeituras do Estado que não querem lidar com esse problema social e que acabam pagando passagens para essas pessoas deixarem sua região; d) ex-presidiários que, quando libertos, não possuem dinheiro para retornar às suas casas; e) trabalhadores que recebem semanalmente e que buscam a droga nos finais de semana para relaxar.

Ao acompanhar as trajetórias dos frequentadores da Cracolândia, Fromm (2023, [s.p]) observou que:

[...] ali é considerado “menos pior” do que outros lugares pelos quais eles já passaram. Estamos falando de pessoas cujas histórias de vida são marcadas pela tortura, a violência doméstica, a humilhação e a privação de recursos e serviços (FROMM, 2023, [s.p.]).

Há 17 anos a Cracolândia percorre 18 ruas da região central de São Paulo e acaba voltando ao mesmo lugar, ou seja, para a Rua dos Protestantes. “A Cracolândia circulou entre as ruas Conselheiro Nébias e Guaianases no primeiro semestre de 2023” (BARRETO FILHO et al, 2023 [s.p.]).

Independente dos governos e dos locais por onde andam, os moradores e frequentadores da Cracolândia são rejeitados e estigmatizados, seja porque estão sob o efeito das drogas, seja porque cometem delitos os mais variados para sobreviver e sustentar o vício.

MÍDIAS ANALISADAS

Estudos recentes mostram que os hábitos de leitura de notícias por parte das pessoas mudou muito, principalmente após o evento da Covid-19. Mesmo sabendo do papel dos algoritmos nas buscas pela Internet devido às preferências de cada usuário, acreditamos que uma pessoa que deseja saber algo sobre a Cracolândia tem muitas chances de iniciar sua pesquisa na ferramenta Google, conforme afirmam Barsotti & Aguiar (2018, pp 122-123).

É por links compartilhados nas redes sociais que mais da metade da população com acesso à internet se informa. [...] Os dois outros atalhos para notícias que ganharam relevância na origem de tráfego para os sites nos últimos anos são: links encontrados nos resultados das buscas em ferramentas como o Google e os publicados em portais de notícias, que agregam chamadas de diversos veículos noticiosos (BARSOTTI & AGUIAR, 2018, pp.122-123).

A busca feita no dia 21 de abril de 2024 (às 14h) no computador de uma das pesquisadoras trouxe, nas 10 primeiras notícias, somente mídias tradicionais. Sendo assim, realizamos uma nova busca usando as palavras ‘Cracolândia, blogs’ e encontramos dois blogs. Isto nos permitiu comparar a linguagem usada em mídias de comunicação não tradicionais para comparar com as mídias digitais provenientes de jornais tradicionais e consolidados.

Tabela 1 – Mídias e títulos das notícias.

Veículo	Título
1. Folha de S. Paulo	Crise da Cracolândia empurra conflitos do centro para bairro em SP
2. G1-Globo	Polícia e GCM fazem operação na Cracolândia, no Centro de SP
3. São Paulo SP.gov	Polícia desmonta esquema de transporte de crack de MS até a Cracolândia.
4. Estadão	Operações na região da Cracolândia terminam com a prisão de 11 pessoas em dois dias
5. BBC News Brasil	Como nasceu a Cracolândia, bairro dos barões do café que virou problema ‘sem solução’ de São Paulo
6. CNN Brasil	Tudo sobre: Cracolândia
7. CNN Brasil	Câmeras de monitoramento da Prefeitura de SP são destruídas na Cracolândia
8. São Paulo Governo do Estado	Polícia desmonta esquema de transporte de crack de MS até a Cracolândia
9. IG	Cracolândia: por onde passou, em que ruas está hoje e qual o futuro?
10. Folha de S. Paulo	Cracolândia empurra conflito do centro para bairro de SP
Veículo	Título
11. Blog Raquel Rolnik	A cidade é nossa com Raquel Rolnik: Cracolândia tem solução!
12. SBPSP	Cracolândia – Diversão ou refúgio?

Fonte: Sandra Cristina Pedri.

Com base nos títulos pesquisados apresentados na Tabela 1 e usando somente os textos neles expressos fizemos uma análise das mensagens transmitidas. Concluímos que palavra ‘Cracolândia’ está em todos os títulos, visto que nossa busca foi exatamente usando esta palavra. Nas mídias on-line tradicionais, constatamos a presença das palavras “polícia (3)”, “operação (2)” e “conflito (2)”, além de outras palavras em contextos de repressão, demonstrando a força usada nas pessoas em situação de rua e que estão concentradas na região da Luz, centro de São Paulo. Também pudemos perceber que a *Folha de S. Paulo* apareceu duas vezes com o mesmo título, o que reforça o apelo desta mídia para sua leitura. Nos títulos das mídias não tradicionais (blogs) as palavras não são de repressão.

Fiorin (2011, p.19) aborda os enunciados e os conflitos de interesses divergentes entre grupos sociais afirmando que:

[...] A relação contratual com um enunciado, a adesão a ele e a aceitação de seu conteúdo fazem-se no ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais. Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. O que é constitutivo das diferentes posições sociais que circulam numa dada formação social é a contradição. O contrato se faz com uma das vozes de uma polêmica (FIORIN, 2011, p.19).

Com base em seus estudos, nos debruçamos na tarefa de identificar as vozes na leitura dos títulos das notícias que surgiram na nossa busca e concluímos que: nos títulos 1, 2, 3, 4, 7, 8 e 10 reconhecemos o que denominamos de Voz 1 em que as forças

repressoras agem sobre os moradores de rua para expulsá-los e em que os gestores enxergam os moradores de rua como “degenerados”, desordeiros da paz e da ordem merecendo sofrer ações repressoras. Isso pode ser verificado por meio do uso de palavras como: polícia, conflito, operação, prisão.

Os títulos 5, 6 e 9 apresentam o gênero textual jornalístico que pretende neutralidade, mesmo em se tratando de graves problemas sociais urbanos. Há predominância de informações em detrimento da linguagem que tematiza a repressão aplicada na região.

Os títulos 11 e 12 representam a Voz 2. O título 11 (A cidade é nossa com Raquel Rolnik: Cracolândia tem solução!) e o 12 (Cracolândia: diversão ou refúgio) procuram mostrar o problema “Cracolândia” sem ser pela ação dos políticos e da política, buscando solução e trazendo um pouco de esperança.

A representação transmitida pela mídia digital na maioria dos títulos das notícias selecionadas e analisadas para este trabalho na ferramenta Google, mostra que este grupo social está exposto à violência e ao desprezo por parte daqueles que não os enxergam como seres humanos vulneráveis e dignos de respeito e compaixão.

[...] não há vida nem morte sem relação com um determinado enquadramento... Na verdade, uma figura viva fora das normas da vida não somente se torna o problema com o qual a normatividade tem de lidar, mas parece ser aquilo que a normatividade está fadada a reproduzir: está vivo, mas não é uma vida. Situa-se fora do enquadramento fornecido pela norma, mas apenas como um duplo implacável, cuja ontologia não pode ser assegurada, mas cujo estatuto de ser vivo está averso à apreensão (BUTLER, 2015, p.22)

Os moradores da Cracolândia, seja qual for o problema que eles estejam enfrentando (drogas, doença mental, prostituição entre outros) são “figuras vivas fora das normas da vida” (BUTLER, 2015, p.22) e que por isso passam a ser um problema com o qual a normatividade tem de lidar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as políticas públicas já implantadas não deram e “não dão conta da complexidade que envolve as pessoas que usam drogas e que estão em vulnerabilidade social, com seus direitos de cidadão fragilizados” (AYRES et al, 2009 [s.p]).

As pessoas que habitam ou frequentam cenas públicas de uso de drogas, muitas delas em situação de rua, apesar de diferentes entre si, tendem a compartilhar a conjugação de uma série de situações que as vulnerabilizam, frente às quais é fundamental pensar em ações que visem o cuidado de forma integral, intersetorial e continuada. Em razão das diversas necessidades dessa população, as demandas não se reduzem apenas a um ou outro aspecto, mas a

questão tanto de saúde, como habitação, assistência e educação, sendo fundamentais os serviços que atuam diretamente no território em que elas se encontram, conhecendo efetivamente as demandas de cada sujeito. Por esses motivos, a saúde da população em situação de rua pode ser comprometida por diversos fatores e necessita de estratégias voltadas às suas demandas (AL ALAM, 2014. In CAMARGO et al, 2022).

Nenhum dos 12 títulos das notícias analisadas cita as políticas sociais já implantadas na Cracolândia em anos anteriores, tampouco mostram a existência de uma preocupação governamental para solucionar o problema por meio de políticas públicas que assumam e desempenhem com sucesso o cuidado das pessoas que precisam de auxílio e não da repressão do Estado.

Muitos paulistanos, como já exposto neste trabalho, estão evitando a região central da cidade de São Paulo por medo de assaltos e de outros tipos de violência sem, no entanto, ter um olhar compreensivo para aquelas vidas desprovidas de qualquer dignidade. São vidas invisíveis, pessoas indigenciadas e silenciadas.

A indigência leva as pessoas à ostracização. Segundo Silva (2015, p. 118) a “indigência é a normatização do que outrora denominou-se de *Lumpenproletariat*, da forma-sujeito improdutivo, do sujeito indiferente e indiferenciado”. Os indigenciados não chamam a atenção como objetos do discurso, pois estão à margem dos discursos, mesmo não escapando destes, que se manifestam de modo mínimo (SILVA, 2015, p; 120). Os moradores da Cracolândia e os que ali passam a maior parte do seu tempo, são considerados sujeitos inconvenientes, sujeitos ignorados e até não-sujeitos. Sendo assim, baseado em Foucault (2004, p. 36. In Motta, 2006), a indigência os torna invisíveis, e essa invisibilização acontece na condição de que a pessoa foi antes silenciada, uma vez que perde progressivamente a capacidade de se pronunciar. Este silenciamento traz, ou aumenta, a já existente invisibilidade que acaba ocorrendo em todos os aspectos da vida, inclusive na sua representação nas publicações veiculadas nas mídias digitais.

É preciso olhar para a Cracolândia como um local repleto de pessoas em sofrimento e necessitadas de uma ajuda que, de fato, resolva seus problemas. A mídia precisa mostrar que na Cracolândia há pessoas sem espaço ou voz para expressar seus pensamentos, medos, aflições, desejos, histórias de vida etc. e oferecer este espaço a este grupo social. Não há representantes que falem por elas. Assim como os paulistanos estão com medo de sofrer violências ao trafegar pelo centro de São Paulo, os dependentes de drogas e os demais moradores da Cracolândia também estão com medo. Medo por estarem nas mãos dos traficantes que os veem como fontes de lucro para seu

enriquecimento pessoal, medo das pessoas que circulam na região e do ódio dirigido a eles, medo uns dos outros...

Segundo Martino et al (2020, [s.p.]), “as cenas que representam a precariedade da vida, com a exibição de corpos distantes dos padrões esperados de ‘saúde’ e ‘beleza’ contemporâneos, mostram-se também como espaços de desafio pela presença dentro de um ambiente do qual, usualmente, estariam excluídos”.

Silenciados e não representados nas mídias digitais que mais aparecem na ferramenta de busca Google, os moradores e frequentadores da Cracolândia têm poucas chances de se fazerem ouvir e conseguir ajuda para se libertarem das amarras do vício, da pobreza, da dependência e da invisibilidade. Conseguem ser vistos como “problema sem solução”, sentem-se odiados pela população, estão afastados de suas famílias (alguns se afastam propositadamente), são rejeitados e expulsos pelos comerciantes do centro de São Paulo e pela população local, tendo de se deslocar pelas ruas da região por força de ações policiais de repressão e dispersão.

Ao mesmo tempo, sabemos que há mídias não tradicionais que são verdadeiras porta-vozes de diversas comunidades em São Paulo. Essas mídias são feitas e gerenciadas por grupos de pessoas com o objetivo de dar visibilidade às questões que elas mesmas vivenciam. Buscam soluções para os problemas que abordam e engajam pessoas nessas questões (principalmente pessoas da própria comunidade). No entanto, tais mídias não são facilmente encontradas na ferramenta de busca do Google. Para ter acesso a essas mídias ao se fazer uma busca pela palavra “Cracolândia” é necessário conhecê-las e saber onde encontrá-las, pois dificilmente surgem nos resultados iniciais de busca. Em nossa pesquisa não surgiu nenhuma mídia popular, alternativa ou comunitária que abordasse o tema “Cracolândia”. Mesmo ampliando a busca para as 40 primeiras notícias, nada foi encontrado.

A população paulistana precisa ter acesso a informações e notícias que lhe permitam olhar para a Cracolândia de outra forma.

[...] o desafio aqui é não apreender o outro a partir de uma perspectiva própria e dos enquadramentos já pré-estabelecidos pelas normas, mas sim a partir de diferentes níveis de precariedades e vulnerabilidades, na configuração de novos enquadramentos (MARQUES, 2020, p.133).

É importante que a mídia digital torne visíveis as fragilidades, precariedades e vulnerabilidades dos habitantes da Cracolândia. As diferentes violações sofridas pelas pessoas que estão no caminho das drogas e daqueles que cometem infrações são

importantes para a compreensão do que está acontecendo e para que se possa buscar uma possível solução.

Nosso trabalho mostrou que a maioria dos títulos analisados, apesar de constituírem uma amostra pequena, são capazes de mostrar que a mídia digital tradicional reforça a ideia neoliberal de que as pessoas em situação de vulnerabilidade, como as da Cracolândia, estão nessa condição por opção. Sentimos falta de um jornalismo crítico capaz de mostrar que a desigualdade social é decorrente de um processo histórico e político que põe à margem da sociedade pessoas que tiveram menos chances de se constituírem como cidadãos produtivos, capazes de se expressarem e serem vistos como vidas que importam.

A Cracolândia é apenas um dos muitos territórios existentes na cidade de São Paulo com pessoas vulneráveis que, atualmente, são vistas como um incômodo para a população.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Augusto Jobin do; ANDREOLLA, Andrey Henrique. Drogas, urbanismo militar e gentrificação: o caso da “Cracolândia” paulistana. **Revista Direito e Praxis**, v.11, n.4, p. 2162-2187, 2019. Disponível em: [ARQUIDIOCESEPA.ORG. **Site.** Disponível em: \[chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://arquidiocesepa.org.br/wp-content/uploads/2022/05/texto_sobre_lead_pascom_arq_pa.pdf\]\(chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://arquidiocesepa.org.br/wp-content/uploads/2022/05/texto_sobre_lead_pascom_arq_pa.pdf\). Acesso em 02 dez. 2023.](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/rdp/a/mL9fQt7MVRxgg5M5yNMjgvP/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20E2%80%9Ccrack%E2%80%9D%20C3%A9%2C%20por,ou%20C3%A9%20caix%C3%A3o%20ou%20c adeia. Acesso em 28 abr. 2024.</p></div><div data-bbox=)

AYRES, J. R. C. M et al. **O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios.** In CZERESNIA, D; FREITAS, C. M. (Org). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. 2 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 121-143.

BARRETO FILHO, Herculano; BIMBATI, Ana Paula; GUIMARÃES, Saulo Pereira. **Em 17 anos, ‘cracolândia’ percorre 18 ruas e volta ao mesmo lugar em SP.** Disponível em: [11](https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/09/06/cracolandia-volta-mesmo-lugar-17-anos-apos-promessa-revitalizacao-centro-sp.htm#:~:text=O%20cen%C3%A1rio%20de%20abandono%20n%C3%A3o,passagem%20da%2022cracol%C3%A2ndia%22%20permanece. Acesso em 31 mar. 2024.</p></div><div data-bbox=)

BARSOTTI, Adriana; AZEVEDO DE AGUIAR, Leonel. Mudanças nos modos de leitura das notícias e perda de importância da home page. **ALCEU – [S. L.]**, v.18, n.36, p. 122-141, 2018. Disponível em: <https://alceu.emnuvens.com.br/alceu/article/view/108>. Acesso em 30 jun. 2024.

BBC News Brasil. **Como nasceu a Cracolândia, bairro dos barões do café que virou problema ‘sem solução’ de São Paulo**. Disponível em: Como nasceu a Cracolândia, bairro dos barões do café que virou problema 'sem solução' de SP - BBC News Brasil. Acesso em 01 abr. 2024.

BRITE, Beth. **Olhar e ler**: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana, São Paulo, 8 (2): 43-66, jul./dez. 2013.

BRUM, Matheus. O que é a ‘cracolândia’? Entenda como foi formada e a origem do nome. Notícias Uol. **Cotidiano**, 13 maio 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/13/o-que-e-a-cracolandia-entenda-como-foi-formada-e-a-origem-do-nome.htm> Acesso: 17 set. 2023.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é possível de luto? 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Vie précaire**. Les pouvoirs du deuil et de la violence après le 11 septembre 2001. Traduit de l’américain par Jérôme Rosanvallon et Jérôme Vidal, Editions Amsterdam, 2005.

CAPES. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/03E>. Acesso em 01 out. 2023.

DEMETRI, Felipe Dutra. **Corpos despossuídos: vulnerabilidade em Judith Butler**. **Repositório Institucional – UFSC**, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193638#:~:text=Por%20%C3%BAltimo%2C%20a%20vulnerabilidade%2C%20para,reconfigurando%20a%20gram%C3%A1tica%20do%20reconhecimento>. Acesso em 06 set. 2024.

ECKERT, U. K. H.; LEWANDOWSKY, S; CHANG, E. P; PILLARI, R. The effects of subtle misinformation in news headlines. **Journal of Experimental Psychology: Applied**, v.20, n.4, p. 323-335, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25347407/>. Acesso em 14 mai. 2024.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Loucura, literatura, sociedade**. In: MOTTA, Manoel Barbosa (Org.). **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FROMM, Deborah. Cinco fatos para você não falar besteira sobre a cracolândia. **Intercept Brasil**. 17 jul. de 2023. Disponível em:

<https://www.intercept.com.br/2023/07/17/cracolandia-cinco-fatos-para-nao-falar-besteira/> Acesso em 17 set. 2023.

FRÚGOLI JR., Heitor; CAVALCANTI, Mariana. Territorialidades da(s) cracolândia(s) em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico**. Brasília, UnB, 2013, v. 38, n.2, p. 73-97. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6858/6901>. Acesso em 21 abr. 2024.

FRÚGOLI JR., Heitor e CHIZZOLINI, Bianca Barbosa. Relações entre etnografia face a face e imagens do Google street view: uma pesquisa sobre usuários de crack nas ruas do centro de São Paulo. **Universidade de São Paulo. São Paulo**, v 2, n.1, p. 11-36, maio 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/129197/129057> Acesso em 17 set. 2023.

G1 – Globo. **Polícia e GCM fazem operação na Cracolândia, no centro de SP**. Disponível em: [Polícia e GCM fazem operação na Cracolândia, no Centro de SP | São Paulo | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/policia-e-gcm-fazem-operacao-na-cracolandia-no-centro-de-sp). Acesso em 01 abr. 2024.

GABIELKOV, M; RAMACHANDRAN, A.; CHAINTREAU, A.; LEGOUT, A. **Social clicks**: what and who gets read on Twitter? In: 2016 International Conference on Measurement and Modeling of Computer Science (SIGMETRICS'16). Proceedings... New York, USA: Association for Computing Machinery, 2016. p.179-192.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016.

HUB DE CUIDADOS EM CRACK E OUTRAS DROGAS. Site. Disponível em: <https://hub.spdmafiliadas.org.br/>. Acesso em 25 ago. 2024.

LABIGALINI, Pedro Guimarães. 30 anos de Cracolândia. **Agemtpucsp**, 23 jun. 2022. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/30-anos-de-cracolandia>. Acesso em 20 nov. 2023.

MADRUGA, Clarice Sandi. **Levantamento do perfil de usuários de drogas na região da Cracolândia**. Secretaria de Desenvolvimento Social Estado de São Paulo, 2017.

MAGALHÃES, Taís. Campos de disputa e gestão do espaço urbano: a Operação Sufoco na “cracolândia” paulistana. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**. São Paulo. Edição eletrônica. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/3615> Acesso: 21 abr. 2024.

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. **Vulnerabilidades, justiça e resistências nas interações comunicativas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Vulnerabilidades-justica-e-resistencia-nas-interacoes-comunicativas-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf> Acesso: 15 abr. 2023

MARTINO, L. M. Sá; AMÁ, Vitória Prieto.; SALGUEIRO MARQUES, Ângela C. Atravessamentos do tempo e do olhar na imagem jornalística de vidas precárias da “Cracolândia (SP)”. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 280–315,

ago. 2021. DOI: 10.25200/BJR.v17n2.2021.1367. Disponível em:
<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1367> Acesso: 31 mar. 2024.

MOTA, André. A pauliceia sob um diagnóstico sanitário. In **Tropeços da medicina bandeirante: medicina paulista entre 1892-1920**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 75-124.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Programa Smart Sampa avança na capital com 10 mil câmeras em funcionamento**. Disponível em:
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/seguranca_urbana/noticias/index.php?p=365363. Acesso em 30 jun. 2024.

RA SOUZA, Rayane Abrantes de. **Pedras no caminho: o papel da mídia na (dê)construção das representações da população da Cracolândia-SP pelos habitantes da cidade de Souza-PB (2023)**. Disponível em:
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/29121> Acesso em 20 abr. 2024.

REIS, Lúcia Margarete dos; UCHIMURA, Taqueco Teruya; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de. Perfil socioeconômico e demográfico em uma comunidade vulnerável ao uso de drogas de abuso. Universidade Estadual de Maringá. **SciELO Brasil**. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ape/a/fvZfbXGhc4rJXPMscrjFYxG/?lang=pt&format=html#>
Acesso em 30 jun. 2024.

RIBIEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2006.

ROCHA, Thayna Alves. Antonio Carlos Pacheco e Silva: psiquiatria e eugenia no combate aos “loucos de todo o gênero” (São Paulo, 1920-1940). **Revista Pluralistas**, 2021. Disponível em:
https://www.academia.edu/57502770/ANTONIO_CARLOS_PACHECO_E_SILVA_PSIQUIATRIA_E_EUGENIA_NO_COMBATE_AOS_LOUCOS_DE_TODO_O_G%CC%80ANERO_S%CC%83O_PAULO_1920_1940_ Acesso: 30 mai. 2022.

ROMANI, André; MEDINA, Daniel; REZENDE, Jade; ANDRADE, Maria Paula; SOUZA, Matheus; LUCENA, Vinícius. Pelas ruas da luz: a história da Cracolândia em três momentos. **Webhostusp**, 20 dez. 2018. Disponível em:
<https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2018/12/20/pelas-ruas-da-luz-a-historia-da-cracolandia-em-tres-momentos/> Acesso: 20 nov. 2023.

SALINAS, Alex Arévalo; ABIB, Tayane Aidar. **Incursões jornalísticas para a paz: reflexões sobre dialogia e escuta desde a perspectiva de correspondentes espanhóis**. Rio de Janeiro: Contracampo, 2021.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Marcia Regina Barros da. O processo de urbanização paulista: a medicina e o crescimento da cidade moderna. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 243-266, 2007.

SILVA, Wellington Amâncio da Silva. Foucault e indigência: as formas de silenciamento e invisibilização dos sujeitos. **Problemata International Journal of Philosophy**. V.6, n.3, 2015.

SIQUEIRA, Vinicius. **Foucault e a loucura** – DROPS #2. Disponível em <https://colunastortas.com.br/foucault-e-a-loucura/#:~:text=A%20loucura%20%C3%A9%20entendida%20por,se%20compreender%20seu%20estatuto%2C%20sua>
Acesso: 06 dez. 2022.

SOUZA, Felipe. Como nasceu a Cracolândia, bairro dos barões do café que virou problema ‘sem solução’ de São Paulo. **BBC News**. 18 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/08/18/como-nasceu-a-cracolandia-bairro-dos-baroes-do-cafe-que-virou-problema-sem-solucao-de-sao-paulo.ghtml>
Acesso: 17 set. 2023.

SP1. Levantamento aponta que número de frequentadores da Cracolândia voltou a crescer em 2021. **G1**, 08 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/08/levantamento-aponta-que-numero-de-frequentadores-da-cracolandia-voltou-a-crescer-em-2021.ghtml> Acesso: 20 nov. 2023.

SP – Notícias. **Polícia desmonta esquema de transporte de crack de MS até a Cracolândia**. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/policia-desmonta-esquema-de-transporte-de-crack-de-ms-ate-a-cracolandia/>). Acesso em 01 abr. 2024.

TARELOW, Gustavo Querodia. **Entre comas, febres e convulsões**: os tratamentos de choque no Hospital do Juquery (1923-1937). Santo André: Universidade Federal do ABC, 2013.

TARELOW, Gustavo Querodia; MOTA, André. Eugenia, organicismo e esquizofrenia: diagnósticos psiquiátricos sob a lente de Antonio Carlos Pacheco e Silva, nas décadas de 120-40. **Dimensões**: São Paulo, v. 34, 2015, p. 255-279. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/11118/7765>. Acesso: 21 abr. 2024.